



A influência da metodologia de ensino nas dinâmicas das Bibliotecas: o caso da Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa

Maria Perdigão^a, Ana Folque^b, Bruno Marçal^c

aUniversidade Católica Portuguesa, Biblioteca Universitária João Paulo II, Portugal, mperdigao@ucp.pt

bUniversidade Católica Portuguesa, Biblioteca Universitária João Paulo II, Portugal, afg@ucp.pt

cUniversidade Católica Portuguesa, Biblioteca Universitária João Paulo II, Portugal, bruno.marcal@ucp.pt

Resumo

O presente trabalho assenta numa metodologia exploratória, de carácter misto, e pretende examinar o papel da Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa no apoio ao curso de Medicina, caracterizado pela metodologia Problem-Based Learning, assim como conhecer a visão dos utilizadores na sua relação com a Biblioteca. O estudo encontra-se dividido em duas dimensões: por um lado, uma descrição do processo de planeamento e implementação do projeto da Biblioteca da Faculdade de Medicina, e, por outro lado, num questionário que visa caracterizar as perceções dos alunos do Mestrado Integrado em Medicina relativamente à Biblioteca, utilizando uma amostra dos alunos da Licenciatura em Enfermagem como grupo de controlo. Com base nos objetivos principais, foi definido um conjunto de objetivos específicos, assim como de hipóteses, sobre os quais se retiraram as seguintes considerações: as Bibliotecas direcionadas para o ensino PBL apresentam, na sua estrutura organizacional, especificidades características, relacionadas com o estreito acompanhamento das diferentes fases do currículo e da estrutura do PBL e a divulgação da Biblioteca enquanto recurso de apoio tem um papel preponderante na sua relação com os utilizadores.

Palavras-chave: Bibliotecas, Bibliotecas especializadas, Problem-Based Learning, Avaliação

Introdução

A metodologia Problem-Based Learning (PBL) foi aplicada pela primeira vez na Universidade de McMaster, no Canadá, em 1969, e apenas cinco anos mais tarde, em 1974 voltou a ser aplicada à totalidade de um programa de educação médica, com a abertura da Faculdade de Medicina da Universidade de Maastricht (UM), em 1974 (Servant-Miklos, 2019, p. 284). Apesar da Universidade de McMaster ter sido a pioneira na aplicação desta metodologia, foi em Maastricht que se deram avanços significativos na estrutura e nos princípios aplicados e que permitiram a sua adaptação a vários outros programas espalhados pelo Mundo (Servant-Miklos, 2019, p. 284), entre os quais o Mestrado Integrado em Medicina da Universidade Católica Portuguesa.

Desde a sua aplicação inicial, o PBL sofreu diversas variações e interpretações, de acordo com as especificidades dos diferentes programas em que é aplicado, no entanto, o seu princípio basilar mantém-se comum: a aprendizagem centrada no aluno (Servant-Miklos, 2019, p. 284; Trullàs et al., 2022, p. 2). Este princípio orientador, a par de outros que, no caso dos programas derivados de Maastricht, o acompanham, como a aprendizagem construtivista, contextual e colaborativa, materializam-se na reestruturação dos currículos, que adotam uma visão integrada, em que as aulas predominantemente

teóricas dão lugar a tutorias, nas quais pequenos grupos de alunos discutem problemas reais, na forma de casos clínicos (Barrows, 1996, p. 5; Servant-Miklos, 2019, p. 286).

A aplicação desta metodologia, que traz uma nova visão do processo de aprendizagem, requer não só o envolvimento do corpo docente, mas também de serviços de apoio, entre os quais se encontra a Biblioteca (Fyfe & Payne, 2011, p. 162).

Os estudos sobre a relação entre os serviços de Biblioteca e o PBL têm sido uma dimensão constante da literatura que se debruça sobre a aplicação e implementação desta metodologia de ensino. Enquanto alguns têm como objetivo identificar e analisar a influência que o PBL tem na organização das Bibliotecas (Chen, 2004, p. 35; Chen et al., 2011, p. 177), outros têm como foco os papéis não tradicionais que os bibliotecários podem assumir nestes contextos (Fyfe & Payne, 2011, p. 162; Miller, 2001, p. 24).

Apesar de analisarem esta relação de perspectivas diferentes, estes trabalhos encontram um consenso na ideia basilar de que, em programas centrados no aluno e em problemas contextuais, as necessidades específicas dos utilizadores levam, inevitavelmente, a uma adaptação da estrutura organizacional da Biblioteca, seja ao nível da coleção, ou dos recursos e serviços disponibilizados (Chen, 2004, p. 38; Chen et al., 2011, p. 182; Fyfe & Payne, 2011, p. 162; Miller, 2001, p. 24).

Os alunos de programas PBL são confrontados, semanalmente, com dois casos de natureza clínica ou pré-clínica, baseados em problemas contextuais, a partir dos quais, orientados por um tutor, devem extrair os objetivos de aprendizagem da fase em que se encontram, e, através da pesquisa em fontes de informação, retirar as aprendizagens necessárias (Barrows, 1996, p. 6; Evans & Brown, 2015, p. 65). Por esse motivo, recorrem à Biblioteca para os auxiliar na identificação de fontes atuais e pertinentes para a resolução dos diferentes casos, o que resulta num uso mais amplo e diversificado dos recursos de informação, mas também numa comunicação constante e mais estreita entre a Biblioteca e os seus utilizadores (Chen, 2004, p. 45; Fyfe & Payne, 2011, pp. 165–166).

Paralelamente é necessário garantir que os utilizadores sejam capacitados para a utilização dos recursos de informação à sua disposição (Chen, 2004, pp. 38–39). Os trabalhos desenvolvidos nesta área mostram que até ao nível da formação de utilizadores, as Bibliotecas PBL adotam estruturas características, uma vez que deve existir uma integração com os conteúdos e as necessidades que os alunos têm em momentos específicos (Chen, 2004, pp. 38–39; Fyfe & Payne, 2011, p. 164).

Todo este processo de estruturação da Biblioteca, desde a construção da coleção, à seleção dos recursos e aos serviços e atividades disponibilizados, deve ser articulado com o corpo docente, que conhece o plano curricular e as suas diferentes fases (organização por blocos – rotativos de oito em oito semanas) aprofundadamente (Chen, 2004, p. 43; Fyfe & Payne, 2011, p. 164).

É com base nas considerações dos autores apresentados, que defendem a especificidade das Bibliotecas que respondem a programas PBL, ideia subjacente aos princípios basilares desta metodologia (Barrows, 1996, p. 7), que orientamos a presente proposta. Assim, este estudo visa analisar a forma como a metodologia de ensino, neste caso o PBL, influencia as dinâmicas da Biblioteca, tendo como base a

Faculdade de Medicina da Universidade Católica Portuguesa, assim como conhecer a visão dos utilizadores na sua relação com a Biblioteca.

Método

Esta análise, definida como um estudo exploratório de abordagem mista (Creswell & Creswell, 2018, p. 41), assentará em duas partes:

1. Descrição do processo de implementação da Biblioteca da Faculdade de Medicina (BFM), especialmente desenhada para responder às necessidades do Mestrado Integrado em Medicina;

2. Análise da relação dos utilizadores da Faculdade de Medicina (FM) com a Biblioteca, através da aplicação de um questionário dirigido aos alunos da Faculdade, divididos entre primeiro e segundo ano, mas também a alunos do primeiro e do segundo ano da Licenciatura em Enfermagem da UCP.

A opção pelo questionário como método de recolha de dados deve-se ao facto de este constituir um instrumento que permite a aplicação de um conjunto de questões a uma amostra representativa de uma população, com o objetivo de analisar as suas opiniões e expectativas em relação ao tema em estudo (Quivy & Campenhoudt, 2005, p. 188). A escolha do grupo do controlo, os alunos do curso de Enfermagem, prendeu-se com a proximidade da área de conhecimento e a partilha do mesmo Centro Regional, pois ainda que as Bibliotecas base dos dois cursos sejam distintas, a BFM constitui parte orgânica da Biblioteca Universitária João Paulo II (BUJPII).

O questionário, aplicado via e-mail, pretende incidir sobre duas dimensões, por um lado, a frequência de utilização dos espaços, atividades, serviços e recursos das Bibliotecas, e, por outro, a sua adequação ao seu contexto curricular. Constituído no total por 19 perguntas, maioritariamente fechadas, reserva, contudo, uma questão aberta e de carácter não obrigatório para comentários de melhoria. A escolha da plataforma recaiu sobre o Microsoft Forms, por fazer parte do ecossistema aplicacional da UCP, através do Office 365. Para a fase de organização e análise dos resultados, fez-se uso do Microsoft Excel e do Power BI, plataformas do mesmo ecossistema.

Subjacentes às dimensões de análise já mencionadas, estabeleceu-se um conjunto de objetivos específicos:

- Identificar as especificidades do processo de implementação de uma Biblioteca PBL;
- Identificar uma possível influência entre o curso dos inquiridos e, por conseguinte, a metodologia de ensino, com a sua relação com a Biblioteca;
- Avaliar o desempenho da BFM em relação às expectativas dos seus utilizadores.

A par da definição de objetivo, os estudos de carácter misto preveem também a apresentação de hipóteses, com base no que é possível observar na literatura (Creswell, 2015, p. 193). Para o estudo em

questão, e partindo do consenso dos trabalhos incluídos no estado da arte, pretendem-se confirmar as seguintes hipóteses:

- a. As Bibliotecas direcionadas para o ensino PBL apresentam, na sua estrutura organizacional, especificidades características;
- b. A natureza das metodologias centradas no aluno resultam numa maior aproximação à Biblioteca, em comparação com utilizadores de programas curriculares que aplicam metodologias tradicionais.

Resultados e Discussão

Parte 1: Descrição do processo de planeamento e implementação

A metodologia de ensino, a par da estrutura curricular, foram, desde o início do projeto, um guia orientador para o desenho e a projeção da Biblioteca da Faculdade de Medicina. Esta preocupação refletiu-se na estruturação dos pontos principais do planeamento, mas também na articulação que foi desenvolvida com os diferentes intervenientes do processo, tanto a nível interno – coordenação do projeto da FM e Rede de Bibliotecas UCP (RBUCP), com enfoque na Biblioteca Universitária João Paulo II, Biblioteca “mãe” da BFM – como externo, através da parceria estabelecida com a Universidade de Maastricht.

A participação da equipa da Universidade de Maastricht no processo teve o maior impacto na fase inicial, revelando-se fundamental para a introdução ao PBL e à importância da sua relação com a Biblioteca, permitindo antever as principais dimensões a ser trabalhadas. Foi neste contexto que os elementos *core* da BFM se deslocaram a Maastricht, tendo, assim, a oportunidade de trocar ideias e vivenciar a experiência que as Bibliotecas da Universidade de Maastricht proporcionam aos seus utilizadores. Esta visita foi complementada pela participação num curso de especialização sobre a metodologia PBL e o currículo da UM, igualmente importante para a compreensão dos princípios associados a esta metodologia e, por conseguinte, para a definição do papel que a Biblioteca deveria ter.

No que respeita à equipa de coordenação do projeto da FM, o seu papel foi o de estabelecer a relação com o corpo docente, mas também com o processo de renovação do edifício e, por conseguinte, dos espaços que seriam a Biblioteca, a par de questões logísticas iniciais, como a aquisição de mobiliário e de equipamentos.

Por último, a edificação da BFM teve, na sua base, o apoio estrutural da Biblioteca João Paulo II, uma vez que a primeira depende, organicamente, da segunda. Todo o processo de formação dos elementos, assim como de aquisições, foi partilhado com as equipas já constituídas da BUJPII, mantendo-se essa articulação e complementaridade de serviços até aos dias de hoje.

Com base nas orientações de Maastricht, a par da experiência das RBUCP, o processo de planeamento da BFM assentou em três grandes dimensões - recursos, serviços e espaços – pilares da relação entre o PBL e as Bibliotecas.

A definição dos recursos e, por conseguinte, da construção da coleção da BFM contou com uma primeira fase de identificação dos principais recursos na área da Biomedicina e avaliação por parte do corpo docente, seguida dos trâmites regulares de prospeção de mercado, aquisição e tratamento técnico.

Ainda que o PBL tenha, na sua base, a ideia de que não existem referências obrigatórias e que os alunos devem, de forma autónoma, localizar a informação que necessitam, é comum a definição de referências orientadoras para os diferentes blocos. As listas definidas pelos docentes da FM foram o ponto de

partida desta fase, tendo sido depois complementadas por uma análise dos catálogos e páginas de outras Bibliotecas nacionais na área de Medicina, de forma a identificar recursos pertinentes. A Universidade de Maastricht apresentou o conceito de “*Digital Learning Environment*” como basilar para o PBL, pelo que a construção deste ambiente digital, que eleva o papel da Biblioteca para além dos seus limites e coleção físicos, foi um dos grandes objetivos do planeamento. Nesse seguimento, a definição da coleção bibliográfica física foi complementada por um conjunto de recursos online, tanto a nível do acesso a livros eletrónicos, como de bases de dados de pesquisa para acesso a literatura científica e de plataformas de apoio ao estudo e à evidência clínica. Todos os recursos considerados foram apresentados e discutidos com a Direção da FM, tendo sido alvo de períodos de teste pelos docentes.

Também a fase de tratamento técnico contou com diferentes *outputs*, pois apesar da RBUCP contar com uma larga e indiscutível experiência no tratamento técnico, assim como procedimentos estruturados e normalizados, a natureza da FM levou a uma reflexão sobre a linha a seguir nas dimensões de indexação e classificação. Para a primeira, optou-se por um processo bilingue, mais exaustivo, com base no vocabulário controlado MeSH (*Medical Subject Headings*), que permitisse aos utilizadores recuperar a informação de forma mais precisa. Para a segunda e, mais uma vez, com base na análise dos catálogos de Bibliotecas homólogas, o sistema de classificação da Biblioteca Nacional de Medicina (NLM) dos Estados Unidos foi o escolhido, sendo este aplicado à organização das obras nas prateleiras, mas também à construção das cotas. Considerando a possibilidade de integração de obras de outras áreas disciplinares contíguas não representadas na NLM, foi definido o sistema da Biblioteca do Congresso como alternativa.

Ainda sobre os recursos, especificamente na organização dos que se encontram em formato eletrónico, considera-se importante referir alguns aspetos, cujo objetivo de aplicação foi o de potenciar a sua utilização: a inclusão da totalidade dos livros eletrónicos subscritos no Catálogo Bibliográfico; o uso da ferramenta de criação de listas do *Koha* (sistema integrado de gestão de Bibliotecas utilizado) para a organização das referências dos diferentes blocos; e a identificação das obras com versão eletrónica, na prateleira, através de um *QR code* com ligação para o registo do catálogo (onde é garantida a constante atualização da ligação para a plataforma de acesso).

Relativamente aos serviços, a sua estruturação acompanhou a alteração de paradigma que a RBUCP vinha já a implementar e que ia ao encontro do preconizado por Maastricht: serviços centrados no utilizador e nas suas necessidades. A formação de utilizadores, com foco na literacia da informação e na pesquisa, utilização e gestão de recursos de informação, foi uma dimensão amplamente trabalhada. Também neste ponto contámos com a articulação com os docentes da FM, com vista ao desenvolvimento de um ciclo especialmente direcionado para o curso de Medicina.

A metodologia PBL tem como mote que os recursos devem estar sempre disponíveis, sem limitações de tempo ou de lugar. Todavia, as Bibliotecas de Maastricht têm restrições no âmbito dos empréstimos domiciliários, com o objetivo de manter a coleção física disponível o mais amplamente possível. Esta opção, que, aparentemente surge como contraditória, relaciona-se com duas questões. Por um lado, com a definição do espaço físico das Bibliotecas: em Maastricht é possível encontrar espaços de estudo sob a gestão das Bibliotecas em várias partes da cidade; no fundo, a Biblioteca é a Universidade e, nesses espaços, a circulação de obras é permitida. Por outro lado, os recursos eletrónicos suplantam os físicos, tornando-se importante preservar a coleção física. Na BFM, uma vez que o investimento nos recursos online foi também substancial, projetou-se um sistema semelhante. Para isso foi necessário definir uma nova tipologia de empréstimo, o empréstimo local, que prevê a livre circulação das obras até ao fim do dia corrente, permitindo, assim, a consulta das mesmas nos espaços de estudo fora da Biblioteca e

também nas aulas, e que acabou também por servir as restantes Bibliotecas da RBUCP, ainda que em contextos distintos.

Também na esfera dos serviços, a complementaridade com a BUJPII revelou-se fundamental, pois um conjunto dos mesmos são estruturantes, tais como, o de aquisições, empréstimo interbibliotecas, atividades culturais e gestão de ciência, sendo assegurados pelas equipas já formadas da Biblioteca central.

A organização dos espaços físicos é, para o PBL, tão importante como os recursos e serviços. A oferta de espaços distintos, com estruturas e mobiliário que respondam a diferentes fins e necessidades, e onde existe liberdade de adaptação às diferentes fases de estudo é basilar. Não obstante, este é o ponto mais sensível da adaptação da BFM às características específicas da metodologia, tendo sido apenas possível executar uma parte: equipamento de projeção nas salas de estudo em grupo, eletrificação em todos os lugares sentados e liberdade de movimentação do mobiliário de lazer nos espaços de estudo.

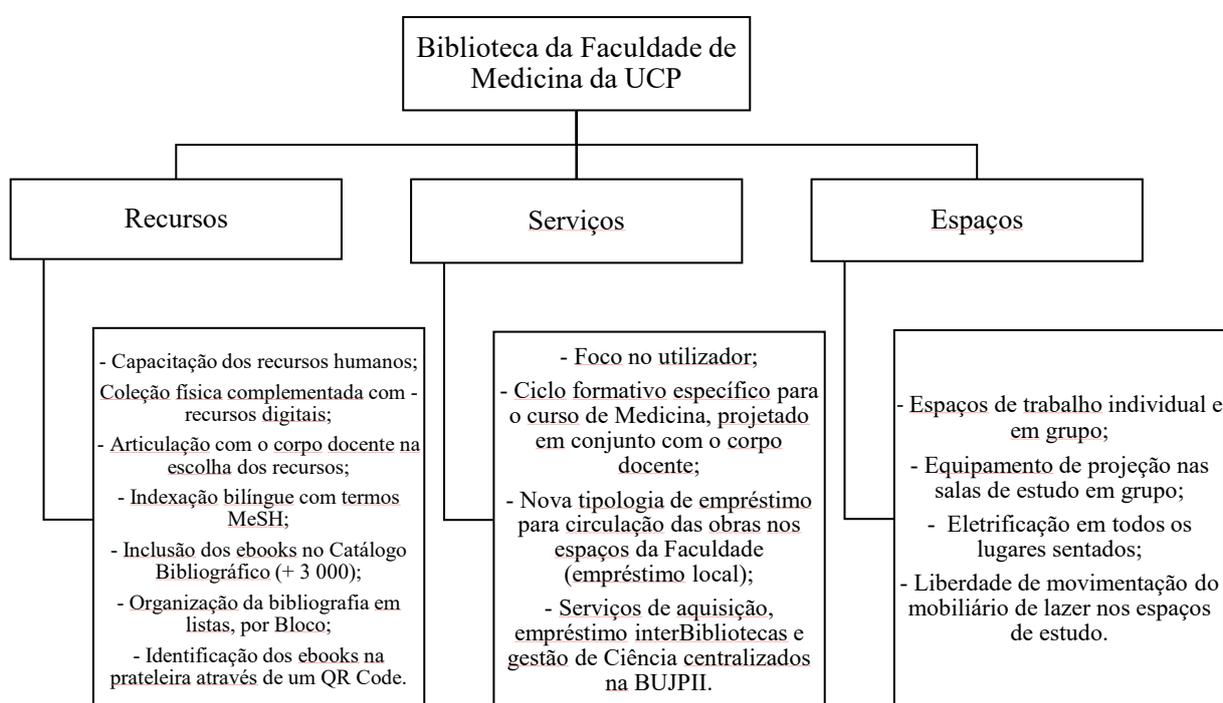


Figura 1: Principais pontos do processo de planeamento da BFM

A nível da implementação, para além do já referido com os espaços, a maioria dos pontos seguiram o esperado, no entanto, o início do ano letivo trouxe outra perspetiva a ser trabalhada: a comunicação com os utilizadores. Partindo do princípio de que a Biblioteca é uma parte integrante do PBL, considerou-se igualmente importante repensar as formas de comunicação, tornando-a mais próxima da realidade dos alunos da FM, mas também mais direcionada às suas necessidades. Assim, com o apoio do corpo docente, foi atribuído à Biblioteca um espaço na plataforma de e-learning, no qual são partilhadas informações sobre o funcionamento da Biblioteca e o acesso aos recursos, *highlights* de bibliografia

relacionada com os Blocos e os casos específicos que os alunos se encontram a resolver e materiais de apoio no âmbito da literacia e do uso ético da informação.

Parte 2: Questionário “A influência da metodologia de ensino nas dinâmicas das Bibliotecas”

Finda a descrição do processo de planeamento e implementação dos aspetos relacionados com a organização e o funcionamento da BFM, importa analisar a natureza da relação entre os alunos e a Biblioteca. Nesse seguimento, aplicou-se um questionário aos alunos da FM e a alunos do primeiro e do segundo ano do curso de Enfermagem da Sede. No total, foram recolhidas 78 respostas: 53 do primeiro grupo e 25 do segundo.

A primeira secção do questionário pretendia caracterizar o nível de interação dos alunos com as suas Bibliotecas de origem na perspetiva da comunicação e da frequência de acesso aos espaços físicos, assim como da utilização dos recursos e serviços.

No que respeita à forma de comunicação com a Biblioteca, 47% dos respondentes privilegia o presencial como meio de contacto primário. Seguem-se o e-mail, com 22% de respostas, e o Portal das Bibliotecas, com 20%, sendo que as opções relativas à plataforma de e-learning e à via telefónica foram as que recolheram menor número de respostas, 7% e 4%, respetivamente; aplicando-se o mesmo cenário à análise específica de cada curso.

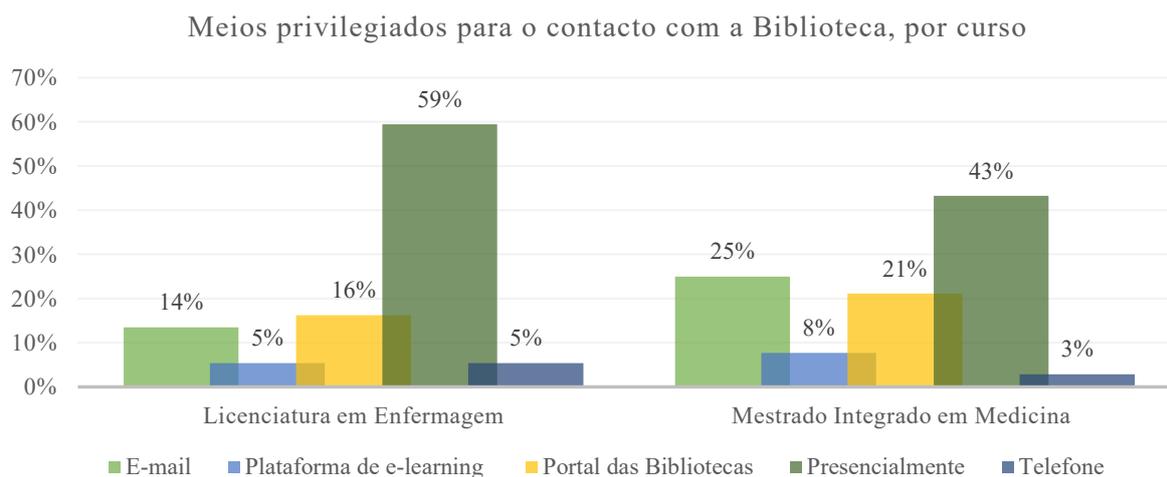


Figura 2: Meios privilegiados para o contacto com a Biblioteca, por curso

Nos dois cursos é visível a preferência pelo contacto presencial, sendo, no entanto, de realçar a maior distribuição de opções no Mestrado Integrado em Medicina, nomeadamente o Portal das Bibliotecas e o e-mail. A Biblioteca da Faculdade de Medicina aposta na comunicação com os utilizadores em diversos formatos, seja via e-mail ou através da plataforma de e-learning, dando-se, nas sessões de formação grande ênfase ao Portal das Bibliotecas como o foco da informação sobre as mesmas.

Relativamente à frequência dos espaços da Biblioteca, do total de inquiridos, 58% respondeu frequentar pelo menos uma vez por semana, sendo que apenas 3%, pertencendo na totalidade ao curso de Enfermagem, respondeu nunca frequentar. A opção de frequência diária foi selecionada por 19% dos utilizadores, seguida da opção mensal, com 11% de respostas e raramente com 9%.

Individualizando cada grupo, a frequência semanal foi igualmente a mais escolhida por ambos (64% Medicina, 44% Enfermagem). No caso da Medicina, segue-se a opção diária (26%), mensal (6%) e raramente (4%), sendo que nenhum aluno respondeu nunca frequentar a Biblioteca. Os alunos de

Enfermagem, após a frequência semanal, consideraram com maior ênfase a opção mensal (24%), seguida das opções de Raramente (20%) e de Nunca (8%).

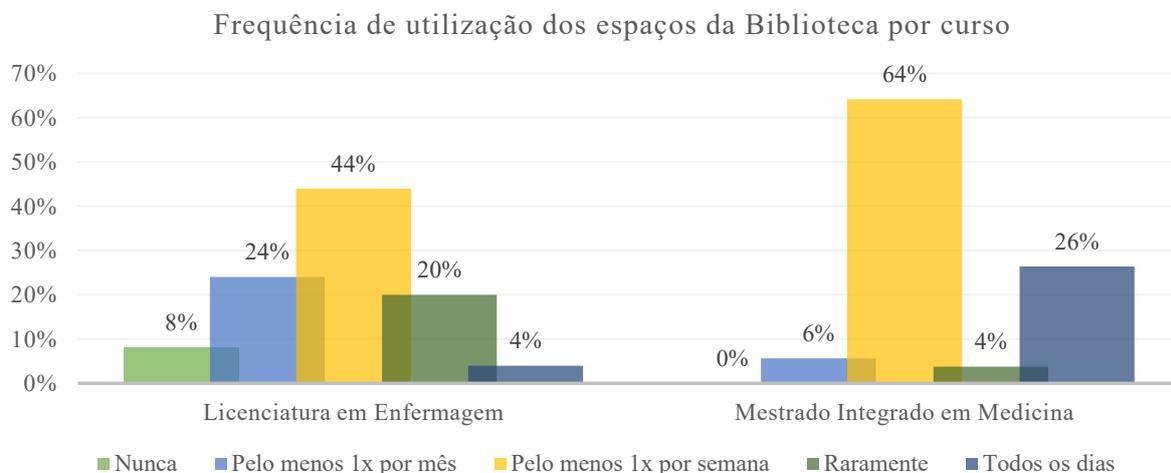


Figura 3: Frequência de utilização dos espaços da Biblioteca por curso

Apesar da opção de contacto presencial não ter sido a mais respondida pelo grupo de Medicina, são estes que, na sua generalidade, mais frequentam os espaços da Biblioteca: cerca de 80% dos alunos de Medicina frequenta a Biblioteca de forma diária ou semanal, em contraste com 48% do curso de Enfermagem. Neste ponto é importante ter em consideração dois aspetos: a diversidade de espaços de estudo da BFM e a estrutura do PBL (dois casos semanais, com rotação de blocos, e consequente avaliação, de oito em oito semanas), que leva os alunos a consultar os recursos de forma mais frequente, assim como a desenvolver uma rotina de estudo diária.

Para o nível de utilização dos recursos, optou-se por distinguir entre o formato físico e o online. Cerca de 33% dos inquiridos, responderam utilizar os recursos online de forma diária, mas 47% admitiu também recorrer aos recursos físicos com uma frequência semanal.

Uma parte significativa dos alunos do curso de Medicina respondeu aceder diariamente aos recursos online (49%); ao mesmo tempo, a maioria (55%) continua a utilizar semanalmente os recursos físicos. No curso de Enfermagem, a opção de acesso diário não obteve nenhuma resposta para qualquer dos formatos.

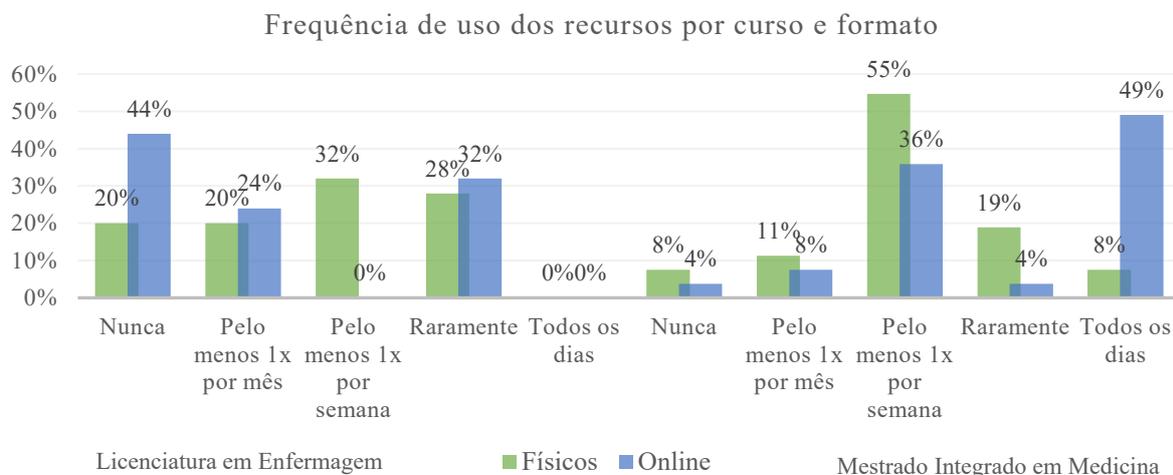


Figura 4: Frequência de uso dos recursos por curso e formato

Também nesta dimensão, à semelhança do verificado anteriormente, é possível estabelecer uma ponte entre a metodologia de ensino e a relação com a Biblioteca: os alunos de Medicina, na sua dinâmica de casos semanais recorrem mais aos recursos, tanto no formato físico como online, comparativamente aos de Enfermagem.

Em relação recursos online, considerou-se importante perceber quais as plataformas privilegiadas pelos alunos, pelo que se elencaram os principais recursos da área das Ciências da Saúde (*Access Medicine*, *CINAHL Complete*, *ClinicalKey Student*, *Complete Anatomy*, *Medline Complete*, *Nursing Reference Center Plus*, *Osmosis*, *PubMed*), assim como recursos multidisciplinares, como a *b-on* e o *EBSCO Discovery Service* (EDS). O recurso que obteve o maior número de respostas foi a *Osmosis*, com 23% e os que obtiveram menos foram as bases de dados *Medline Complete* e *CINAHL Complete*, ambas com menos de 1%.

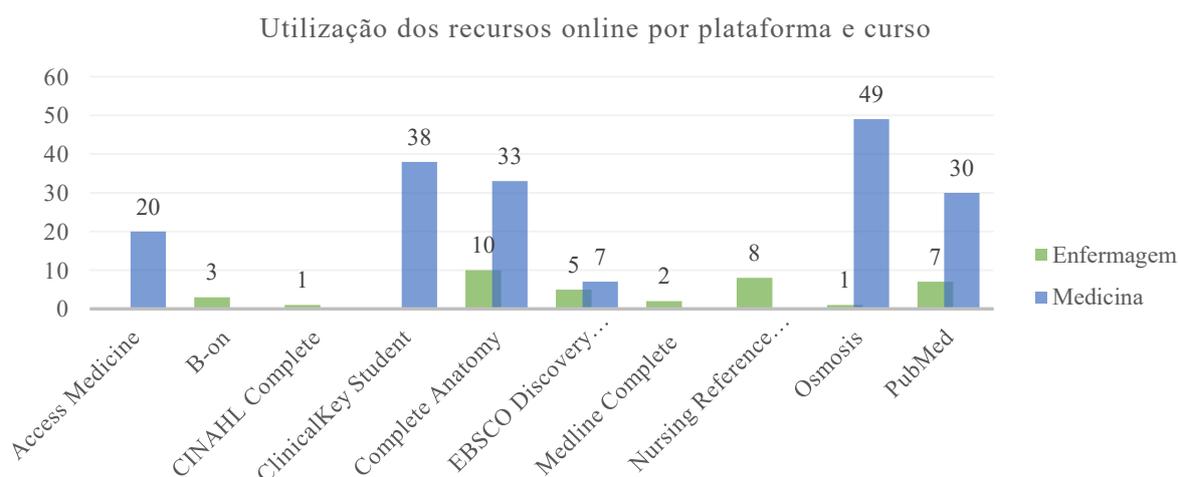


Figura 5: Frequência de uso dos recursos online por plataforma e formato

Na análise da utilização dos recursos é importante ter em consideração que alguns recursos, como a *Osmosis* e o *Complete Anatomy* têm restrições no acesso a utilizadores exteriores à FM. Não obstante, outros, como o *Access Medicine* ou o *ClinicalKey Student* são de acesso livre a qualquer utilizador da UCP e contam com alguma transversalidade na área das Ciências da Saúde, fator, aliás, que foi sempre considerado nas subscrições realizadas no âmbito da implementação da BFM.

Ainda assim, as características particulares da FM, incluindo o facto de existir um plano de formação específico que inclui uma apresentação detalhada de cada um destes recursos, demonstram ser preponderante no conhecimento das plataformas e, por conseguinte, no seu uso.

Ainda na dimensão dos recursos, incluiu-se uma pergunta no âmbito da disponibilidade da bibliografia obrigatória ou recomendada pelos docentes. Numa escala temporal de um a cinco, em que um se definiu como “Nunca” e cinco como “Sempre”, de uma forma geral, a maioria dos alunos dos dois cursos considerou encontrar sempre ou quase sempre a bibliografia necessária, sendo que nenhum considerou nunca encontrar. Todavia, uma parte significativa dos dois cursos seleccionou ainda as opções de 3 (24% Enfermagem, 21% Medicina) e de 2 (4% Enfermagem, 6% Medicina), o que deixa antever uma oportunidade de melhoria para as Bibliotecas melhor acomodarem as necessidades dos seus utilizadores.

Disponibilidade da bibliografia na coleção da Biblioteca, por curso

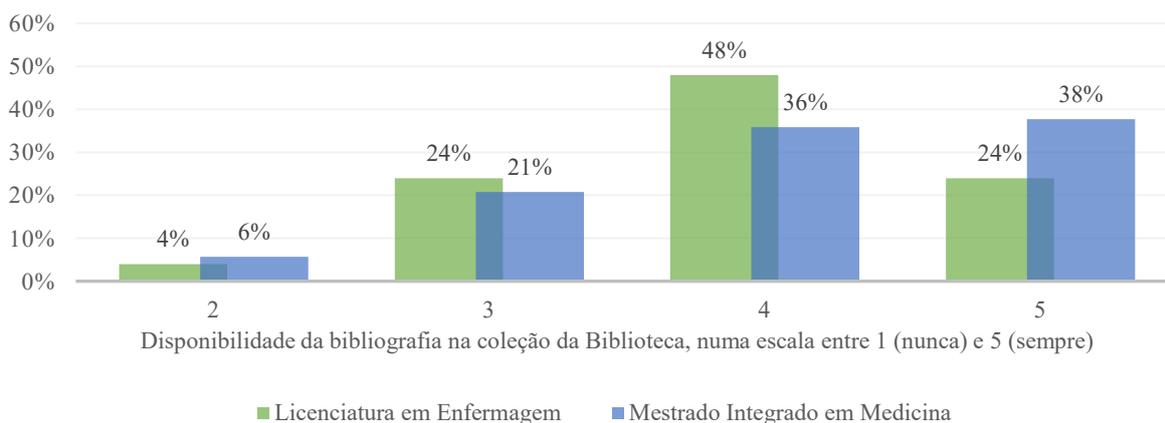


Figura 6: Disponibilidade da bibliografia na coleção da Biblioteca, por curso

Também para aferir a frequência de uso dos serviços disponibilizados pelas bibliotecas, aplicou-se a escala já referida, a variar entre as opções de “Nunca” e “Todos os dias”. Tendo como base o universo total dos respondentes, os serviços mais utilizados são o empréstimo domiciliário e o apoio na utilização de recursos de informação.

Não obstante, individualizando os dois grupos, é possível perceber que, de uma forma geral, ainda que a opção “Nunca” seja expressiva, os alunos de Medicina fazem um maior uso da totalidade dos serviços disponibilizados; em contraste com o grupo de Enfermagem, cujas frequências selecionadas variam entre nunca e uma vez por mês, sendo que em nenhum dos serviços foram selecionadas as opções de uso diário ou semanal. À semelhança de outras questões já analisadas, esta diferença poderá residir na proximidade da relação entre as duas partes que, no caso da FM, resulta num maior conhecimento, por parte dos alunos, dos serviços prestados.

Frequência de uso dos serviços da Biblioteca pelos alunos do Mestrado Integrado em Medicina

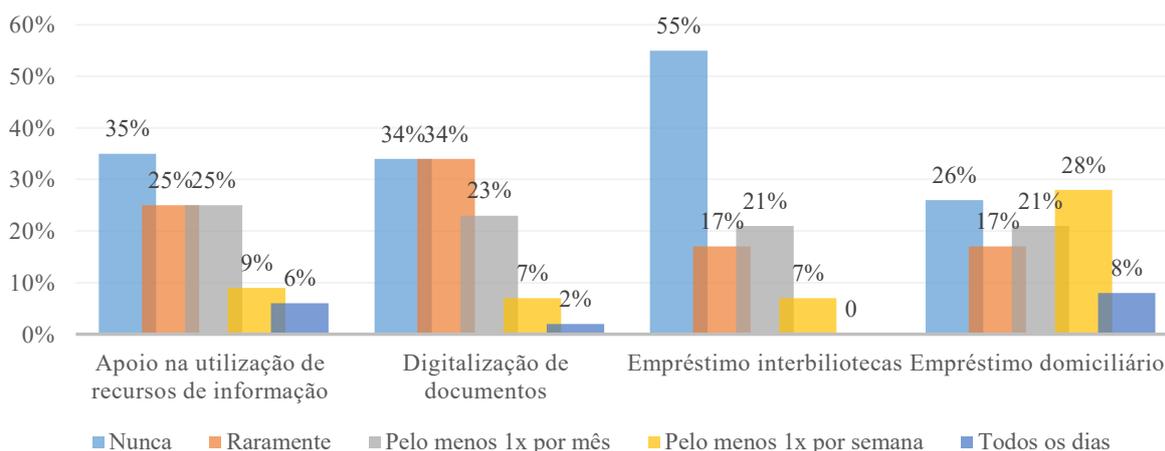


Figura 7: Frequência de uso dos serviços da Biblioteca pelos alunos do Mestrado Integrado em Medicina

No âmbito das ações de formação desenvolvidas pelas Bibliotecas, optou-se por uma escala que quantificasse o número de formações em que os respondentes tivessem já participado. No grupo de Enfermagem, a opção “Nunca” contou com a totalidade das respostas. No caso de Medicina, a mesma

opção foi também a mais assinalada, com 41% de respostas, seguindo-se a opção de uma vez (32%), duas vezes (13%) e três ou mais vezes (13%).

A BFM desenvolve, no início de cada ano letivo, um ciclo formativo especialmente desenhado para o curso de Medicina, em articulação com membros do corpo docente, sendo esta informação divulgada por diversos meios: e-mail, plataforma de *e-learning* e, inclusive, pelos próprios docentes. Apesar da licenciatura em Enfermagem não ter um plano de formação tão específico, a RBUCP promove, ao longo do ano letivo, ofertas de calendário, tanto de caráter mais geral, como específicas das diferentes áreas, mas também por via de pedidos singulares formulados pelo corpo docente.

Neste ponto, considerou-se importante aferir a preferência dos alunos pelos formatos presencial ou online, assim como o seu conhecimento relativo ao Portal de Formação da RBUCP e as temáticas relacionadas com as formações em que participaram. O formato presencial foi o que obteve maior número de respostas globais, assim como em cada um dos grupos. No caso das temáticas das sessões de formação, as que estão relacionadas com técnicas de pesquisa e com a referência bibliográfica tiveram maior adesão.

Temáticas mais participadas em sessões formativas

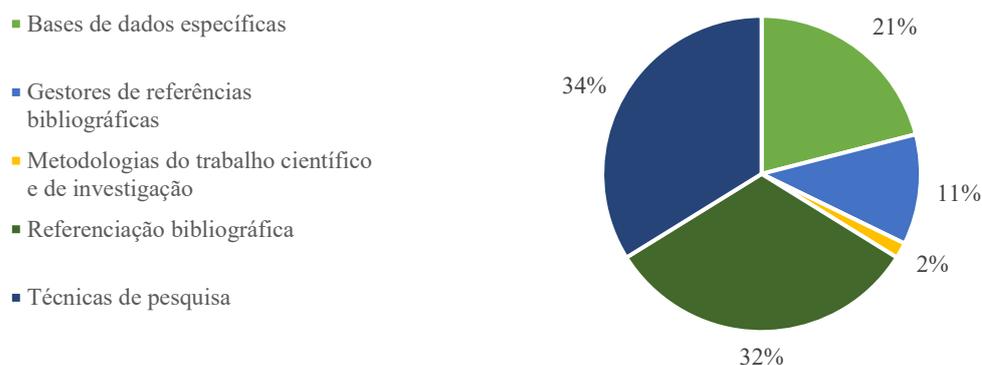


Figura 8: Temáticas mais participadas em sessões formativas

Ainda nos serviços, especificou-se também o apoio na pesquisa e na elaboração de trabalhos académicos. Nos dois cursos, a opção mais selecionada revela que uma parte significativa dos alunos já recorreu três ou mais vezes ao apoio da Biblioteca (Medicina 41%, Enfermagem 36%), no entanto, um grupo significativo de alunos admitiu nunca ter recorrido a este apoio (Medicina 23%, Enfermagem 23%). Ainda assim, de uma forma geral, é possível observar que os alunos de Medicina fazem um uso mais acentuado deste serviço, sendo que 78% já recorreu pelo menos uma vez ao mesmo.

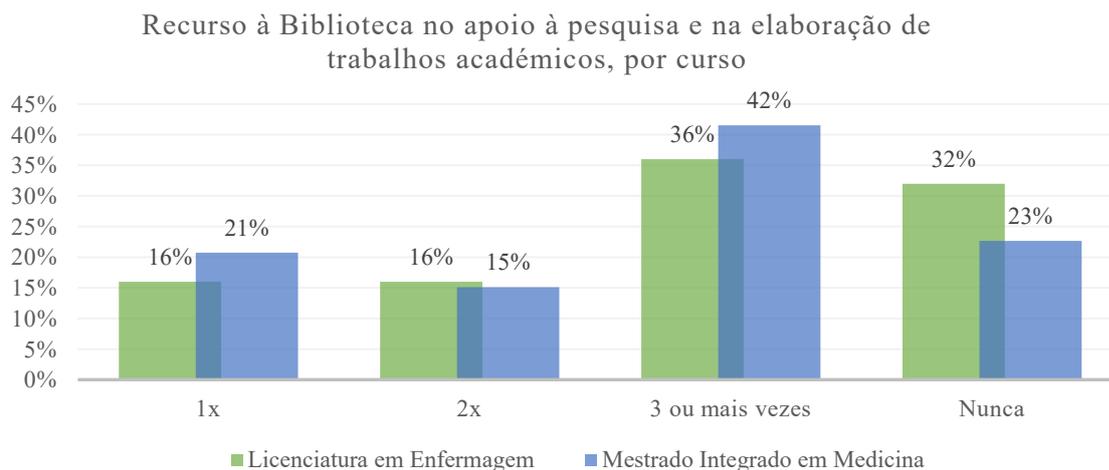


Figura 9: Recurso à Biblioteca no apoio à pesquisa e na elaboração de trabalhos académicos, por curso

Sobre a preferência do formato do apoio, a maioria dos alunos dos dois cursos, mais de 60%, privilegia o apoio de forma presencial, tendo sido esta posição reafirmada ao longo do questionário, pelos dois grupos. O contexto pandémico obrigou a transportar diversos serviços para a dimensão digital, mas aliando os resultados desta análise ao *feedback* dos utilizadores no contexto do normal funcionamento das Bibliotecas, esta deverá ser uma questão a ser alvo de reflexão.

A segunda secção do questionário incidia sobre a avaliação dos alunos em relação à adequação das Bibliotecas, com enfoque nos recursos, serviços, assim como na sua prestação global. Para este efeito, foi aplicada uma escala entre 1 e 10, em que 1 significava “Nada adequado” e 10 “Muito adequado”. Nas três perguntas, a pontuação 10 foi a que obteve maior frequência de respostas, no curso de Medicina, enquanto em Enfermagem a avaliação 6.

Relativamente à adequação aos serviços, 89% dos alunos de Medicina deram uma avaliação superior a 7 e apenas 2% deram uma avaliação igual ou inferior a 5; comparativamente aos alunos de Enfermagem, que, nos mesmos intervalos contaram 52% e 12%, respetivamente.

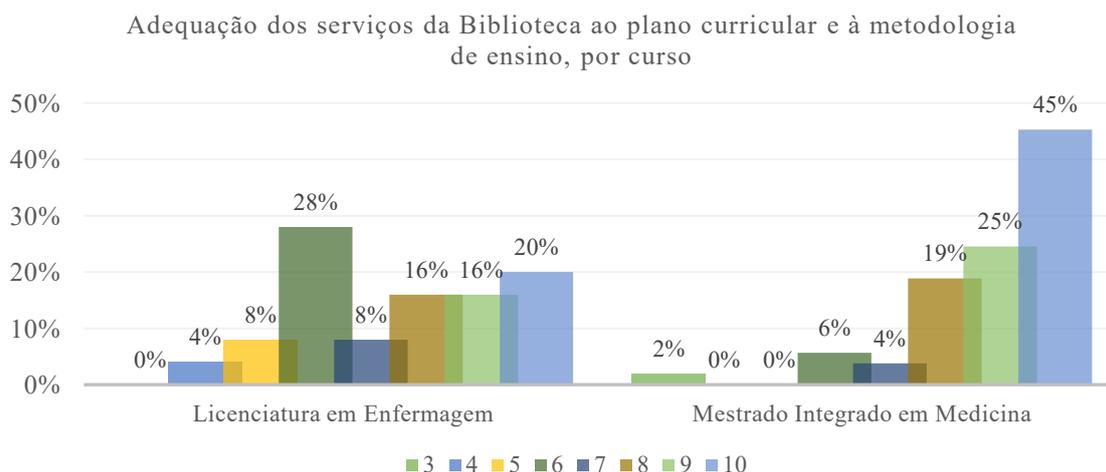


Figura 10: Adequação dos serviços da Biblioteca ao plano curricular e à metodologia de ensino, por curso

No que respeita à adequação dos recursos, parece ter havido uma diminuição no nível de satisfação dos alunos de Medicina, pois 79% atribuiu uma avaliação superior a 7, em contraste a um aumento dos alunos de Enfermagem, em que o mesmo intervalo correspondeu a 56%.

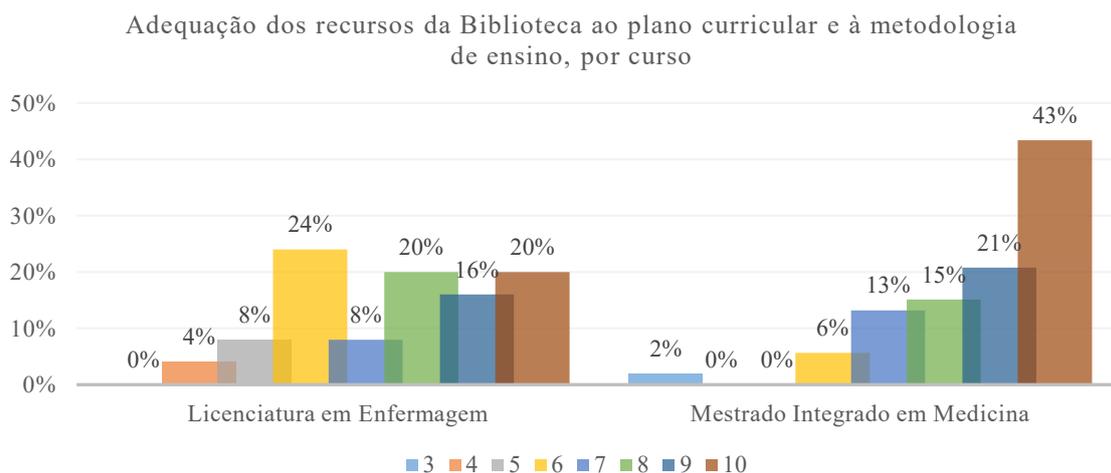


Figura 11: Adequação dos recursos da Biblioteca ao plano curricular e à metodologia de ensino, por curso

A avaliação global seguiu a linha de respostas das duas questões anteriores: em Medicina 79% dos respondentes atribuíram uma avaliação superior a 7 e 2% igual ou inferior a 5; em Enfermagem, nos mesmos intervalos, as percentagens de resposta foram de 56% e 12%, respetivamente.

A média global das três perguntas, em Medicina, situou-se no 9 e, em Enfermagem, no 8.

Conclusões

O presente estudo tinha como principais objetivos analisar a forma como a metodologia de ensino, neste caso o PBL, influencia as dinâmicas da Biblioteca, tendo como base a FMUCP, mas também conhecer a visão de um grupo específico de utilizadores da Universidade Católica na sua relação com a Biblioteca. A sua realização contemplou uma revisão de literatura inicial que possibilitou a definição de eixos orientadores, no entanto, não foram identificados estudos que abordassem o contexto aqui apresentado de forma central, isto é, o de implementação de uma Biblioteca PBL como resultado da criação de um novo curso. Nesse seguimento, o presente trabalho tem na sua base um cruzamento de informação entre fontes de carácter teórico, que tratam facetas específicas da relação entre a Biblioteca e o PBL, e de carácter mais prático, resultantes das sinergias que contribuíram para a construção da Biblioteca da Faculdade de Medicina.

O desenho metodológico contou com a estruturação de três objetivos específicos: (i) identificar as especificidades do processo de implementação de uma Biblioteca PBL; (ii) identificar uma possível influência entre o curso dos inquiridos e, por conseguinte, a metodologia de ensino, com a sua relação com a Biblioteca e (iii) avaliar o desempenho da BFM em relação às expectativas dos seus utilizadores.

Relativamente ao primeiro, a articulação com o corpo docente é, possivelmente, o grande fator diferencial de uma Biblioteca PBL, no sentido em que esta articulação constante é a grande impulsionadora da integração da Biblioteca no currículo, seja relacionado com o nível de conhecimento que os técnicos possuem sobre o mesmo, e que permite um apoio altamente especializado aos alunos, mas também com a confiança que é passada aos alunos sobre esse mesmo nível de conhecimento e que impulsiona o recurso à Biblioteca.

No que respeita à identificação de uma possível influência entre a metodologia de ensino e a relação com a Biblioteca, recorreu-se à aplicação de um questionário aos alunos da FM e a alunos de Enfermagem a frequentar o mesmo ano curricular. Apesar de não ser possível identificar, de forma inequívoca, fatores distintivos, é possível verificar que, de um modo geral, os alunos de Medicina

frequentam, de forma mais assídua, os espaços da Biblioteca, assim como fazem um maior uso dos recursos e serviços disponíveis, fazendo, no final, uma avaliação mais positiva da prestação da Biblioteca.

O terceiro objetivo visava avaliar o desempenho da BFM em relação às expectativas dos utilizadores. Apesar da maioria dos alunos considerar que os serviços e recursos da Biblioteca estão adequados ao seu contexto curricular específico, fazendo uma avaliação global positiva, alguns alunos consideram ainda haver um espaço significativo para melhoria.

Com base no explanado até aqui, e retomando as hipóteses apresentadas na Metodologia, considera-se que:

- a. as Bibliotecas direcionadas para o ensino PBL apresentam, na sua estrutura organizacional, especificidades características, relacionadas com o estreito acompanhamento das diferentes fases do currículo e da estrutura do PBL;
- b. a natureza das metodologias centradas no aluno, pela necessidade constante de procura de informação de forma autónoma, tal como pelas próprias características das Bibliotecas, resultam numa maior aproximação à Biblioteca, em comparação com utilizadores de programas curriculares que aplicam metodologias tradicionais.

Não obstante o estudo visar o caso da Biblioteca da Faculdade de Medicina, a aplicação do questionário permitiu também retirar algumas conclusões sobre as perceções dos utilizadores em relação às Bibliotecas, de forma geral:

- A divulgação da Biblioteca enquanto recurso de apoio para os alunos, numa fase desde logo inicial, tem um papel fundamental na relação que estes estabelecem com a mesma, potenciando o uso dos recursos e dos serviços disponibilizados. Os alunos da FM, pela comunicação que é feita no início de cada ano, recorrem mais aos serviços disponibilizados e fazem um maior uso das plataformas digitais; se o mesmo fosse aplicado nos restantes cursos, potenciar-se-ia a utilização dos recursos disponíveis.
- A preferência pelo contacto presencial, que ficou clara através das questões relacionadas com o meio privilegiado para comunicação com Biblioteca, o formato das formações e do apoio, deve ser alvo de reflexão.

Referências bibliográficas

- Barrows, H. S. (1996). Problem-based learning in medicine and beyond: A brief overview. *New Directions for Teaching and Learning*, 1996(68), 3–12. <https://doi.org/10.1002/tl.37219966804>
- Chen, K. (2004). Medical Libraries and Problem Based Learning: New Challenges and Opportunities. *Journal of Library and Information Studies*, 2(1), 35–48. [https://doi.org/10.6182/jlis.2004.2\(1\).035](https://doi.org/10.6182/jlis.2004.2(1).035)
- Chen, K., Lin, P., Chang, S.-S., & Sun, H. (2011). Library use by medical students: A comparison of two curricula. *Journal of Librarianship and Information Science*, 43(3), 176–184. <https://doi.org/10.1177/0961000611410928>
- Creswell, J. W. (2015). *Educational research: Planning, conducting, and evaluating quantitative and qualitative research* (Fifth edition). Pearson.
- Creswell, J. W., & Creswell, J. D. (2018). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods*

approaches (Fifth edition). SAGE.

Evans, D., & Brown, J. (2015). *How to succeed at medical school: An essential guide to learning*. Wiley Blackwell.

Fyfe, T. M., & Payne, G. W. (2011). Problem Based Learning and Evidence Based Medicine: Utilizing the Librarian. *Evidence Based Library and Information Practice*, 6(4), 161–168.

Miller, J. M. (2001). A Framework for the Multiple Roles of Librarians in Problem-Based Learning. *Medical Reference Services Quarterly*, 20(3), 23–30. https://doi.org/10.1300/J115v20n03_03

Quivy, R., & Campenhoudt, L. van. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (4ª). Gradiva.

Servant-Miklos, V. F. C. (2019). A Revolution in its Own Right: How Maastricht University Reinvented Problem-Based Learning. *Health Professions Education*, 5(4), 283–293. <https://doi.org/10.1016/j.hpe.2018.12.005>

Trullàs, J. C., Blay, C., Sarri, E., & Pujol, R. (2022). Effectiveness of problem-based learning methodology in undergraduate medical education: A scoping review. *BMC Medical Education*, 22(1), 104. <https://doi.org/10.1186/s12909-022-03154-8>